A CONSTRUÇÃO DA *CUBANIDAD*: OS CONCEITOS DE TRANSCULTURAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO EM FERNANDO ORTIZ

Maria do Carmo Luiz Caldas Leite

Universidade Católica de Santos, Estado de São Paulo, Brasil marialcl@unisantos.br

Resumo: O presente trabalho tem como escopo a obra de Fernando Ortiz, centrada na identidade cultural cubana e repleta de significados, em razão do pertencimento de Ortiz à primeira geração de cidadãos da Cuba independente. Nesse contexto, sua obra assume relevância no estudo dos cruzamentos entre as culturas africana e caribenha. Ao explicitar os conceitos necessários para pensar a descolonização, torna-se imprescindível discutir a transculturação no desenvolvimento da *cubanidad.*

Palavras-chave: *cubanidad*; descolonização; transculturação; Fernando Ortiz.

INTRODUÇÃO

Em Cuba, um peculiar processo histórico fez com que concorressem à formação da nacionalidade três correntes fundadoras: a indígena, a espanhola e a africana. Na América do século XVI, interrompendo um processo autônomo, os colonizadores já aplicavam o princípio da "*guerra buena*", contra os naturais, acusados ora de antropofagia, ora de sodomia. As comunidades nativas enfrentaram, além dos maus tratos e violência extremada, os agentes patogênicos trazidos pelos conquistadores brancos e pelos africanos.. A saga espanhola fez submergir a historicidade dos povos originários, que encararam, entre outros fatores, uma guerra biológica e não tiveram tempo para adquirir resistência a ela.

Pequena, mas centro de defesa do império espanhol, Cuba foi cobiçada pelos estrangeiros, que aspiravam enriquecer e dominar estrategicamente a região. Os registros da sociedade produzida pelo açúcar apontam que os imigrantes traziam consigo uma cadeia de valores e subordinações sociais com a qual incrementaram o regime escravocrata na Ilha

Procedendo à análise da nacionalidade cubana, é imperativo levar em consideração que os primeiros vislumbres de sentimentos pátrios surgiram com a formação das comunidades *criollas*[1] no século XVII e se estenderam até o início das lutas pela independência. Este é o momento em que surge a resistência no interior da desobediência civil ao poder colonial e o despertar da autoconsciência, que tomou forma na alvorada do século XIX.

Depois de 30 anos das lutas independentistas, o colapso do colonialismo em Cuba era iminente. O fim do século XIX foi marcado pela Guerra Hispano-americana, quando a Emenda Platt oficializou o direito às intervenções militares e autorizava o governo estadunidense a arrendar terras para bases navais em Cuba. Em 1° de janeiro de 1899, baixado o pavilhão da Espanha do Palácio dos Capitães Gerais, pondo fim à dominação da Espanha, em seu lugar foi hasteada a bandeira dos EUA, que despontava como potência imperial. A ocupação estendeu-se até 1902, provocando a interrupção, entre outras questões, do legado dos pensadores cubanos desenvolvido nos séculos anteriores.



Figura 1. A República Mediatizada
Fonte: Pérez Jr. (2018)

[1] O termo *criollo*, em espanhol, significa pessoa nascida na América, filha de pais europeus.

Independentes do ponto de vista político, as nações latino-americanas, entre elas Cuba, foram lançadas em uma situação de dependência estrutural diante das potências capitalistas, tendo como encargo fornecer matérias-primas e produtos agrícolas para a Europa e os EUA. A vivência dos negros e milhares de camponeses nos bateys, excluídos do acesso à educação e à cultura, distanciava-se muito do modo de vida das elites, que tentavam libertar-se das sequelas do domínio estrangeiro, mas sem perder seus privilégios de classe, nem sua posição de dirigentes do projeto nacional (Leite, 2023).

O objetivo do presente texto, um recorte de ampla pesquisa realizada em Cuba, é apresentar as concepções de Fernando Ortiz, calcadas nos argumentos que os primeiros lampejos da *cubanidad* situaram-se em uma cultura de resistência, base de um processo de elaboração ideológica, transmitida como herança, que assumiu formas de rejeição ao que é imposto sob forma de castigo e de espoliação. A tomada de consciência de si mesmos, do "*nosotros*", pelas classes e setores *criollos,* durante o prolongado conflito contra o estado colonial, constitui um fator dinâmico e consciente na formação da nacionalidade cubana

Fernando Ortiz Fernández (Havana 1881 – 1969), escritor e estudioso da cultura afro-cubana, realizou uma ampla investigação sobre as raízes que influenciaram de maneira definitiva a Cultura e a Educação em Cuba. Em 1940, publicou uma de suas obras mais representativas - *El contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* -, na qual introduziu o conceito de transculturação, assim como o resgate de valores africanos presentes na cultura da Ilha. Por seu trabalho investigativo, é considerado o terceiro descobridor de Cuba, depois de Cristóbal Colón e Alejandro de Humboldt.

PERCURSO METODOLÓGICO

Metodologicamente, o estudo retratado neste texto está embasado na historicidade e na concretude, amalgamadas às categorias construídas a partir do referencial teórico: *cubanidad* e transculturação. Desenvolvida pelo viés do materialismo histórico, a pesquisa aproximou-se epistemologicamente de uma ampla conjuntura social e de seus movimentos, bem como dos determinantes políticos, de modo a considerar a complexa realidade de Cuba. O percurso metodológico encerra aproximações ao materialismo histórico-dialético, concebido por Marx (2007; 2008), com relevância voltada às bases de construção do projeto societário cubano e de suas contradições. O caminho trilhado defende a compressão de que o método não é abstrato, mas é mediado pelo pesquisador, pelos seus registros de luta, não sendo, em decorrência, isento de valorações.

O levantamento da pesquisa foi realizado em centros de documentação e bibliotecas em Havana (Cuba) entre 1998 e 2026. Entretanto, a convivência com o povo possibilitou a melhor compreensão da *cubanidad*, dos sentimentos próprios de uma população propensa a entrelaçar sua trajetória pessoal com a trama, que oscila entre o passado de lutas, o presente de dificuldades e os interrogantes do futuro. A essência deste estudo aponta que os processos de colonização e descolonização em Cuba não podem ser entendidos sem vínculos com as empreitadas históricas, que cunharam um tensionamento entre a invasão estrangeira e a insurgência.

O FENÔMENO DA TRANSCULTURAÇÃO E A IDENTIDADE CUBANA

> *La cubanidad para el individuo no está en la sangre, ni en el papel ni en la habitación. La cubanidad es principalmente la peculiar calidad de una cultura, la de Cuba. Dicho en términos corrientes, la cubanidad es condición del alma, es un complejo de sentimientos, ideas y actitudes*[2]
>
> (Ortiz, 2002a, p. 1)

Uma das características fundamentais do sistema colonial hispano-americano, que incidiram na elaboração da *cubanidad*, foi o violento regime agrário escravocrata, sob cuja fórmula a economia cubana se voltou à especialização produtiva, baseada no açúcar, elemento que definiria a estrutura econômica, política e social do país por mais de três séculos. O tráfico, a escravidão e a opressão racial fizeram parte da ideologia das elites de Cuba e da metrópole em direção à Ilha, segundo os mais variados interesses. O modelo escravista, de acordo com o molde atrasado imposto pelo sistema comercial espanhol, dificultou a capacidade da oligarquia *criolla* de se adaptar ao sistema capitalista e, consequentemente, ao avanço da industrialização e do uso de mão de obra assalariada (Machado Martínez, 2012).

As relações entre colonizados e colonizadores tiveram um efeito decisivo na conformação do caráter do povo cubano, colocando em relevo a aparência de duas pátrias: a dos *criollos* brancos e a dos negros. A nacionalidade cubana foi, em primeiro lugar, o resultado de uma prolongada disputa. Cada um dos

[2] Fragmento da conferência proferida por Ortiz na Univ. de La Habana, em 28 nov.1939.

grupos projetaria o seu patriotismo a partir do pertencimento a uma comunidade étnica: o confronto dos patrícios com as autoridades coloniais lançou as bases à formação do patriotismo branco; do mesmo modo, as insurgências e os levantes que empreenderam os negros e os mulatos livres contra o regime escravista criaram as condições à formação do patriotismo negro. Dessa maneira, o sentimento de etnia prevaleceu nas camadas da população *criolla* sobre o sentimento nacional. As relações étnicas se apresentavam não como uma condição além da nacionalidade, mas elemento dentro dela. A discriminação étnica foi consolidada e institucionalizada pelo sistema colonial espanhol para a divisão necessária da sociedade cubana, sendo que o racismo, generalizado e imposto por meios legais e informais, se tornou uma necessidade na dominação. Por um lado, a elite de *criollos* patriotas e a política colonial espanhola, e, por outro, as comunidades de negros livres, simultaneamente, contra o Estado colonial espanhol e o poder dessas elites. A partir da última década do século XVIII, e fundamentalmente desde 1815, uma consciência filosófica e política mais inflexível foi se formando na Ilha para superar a herança reacionária de determinadas correntes escolásticas.

A crise do antigo sistema colonial foi resultante, de um lado, do processo de acumulação de capital no circuito mercantil, que rompia com o equilíbrio entre as forças sociais do Estado Absolutista e, do outro, a posição burguesa, assentada na pressão para abalar os entraves, cristalizados no sistema colonial, ao desenvolvimento capitalista. Ao acicatar as forças de desenvolvimento da colônia como instrumento de prosperidade da metrópole, engendravam-se distintas veemências nas camadas dominantes em Cuba, constituindo as bases objetivas e subjetivas para conformar a nacionalidade.

O pensamento de um grupo social de cubanos, especialmente ligados à Educação e à Cultura, deu origem a uma corrente liberal de pensamento reformista, que exigia direitos frente ao Estado colonial. O intelectual cubano, forjado a partir da modernidade, foi baseado no pensamento científico e inspirado em uma espiritualidade de raízes éticas e culturais cristãs, assumindo com criatividade a sua condição, sem se filiar a nenhuma das escolas estadunidenses e europeias de sua época. O pensamento filosófico cubano promoveu um lado ativo a favor da justiça em sua forma universal e o fez com métodos de pesquisa científica da natureza

Em 1898, a situação política precária em Cuba era evidente e os homens decisivos à radicalização do processo, entre eles José Martí (1853-1895), foram mortos nos campos de batalha. O país não possuía figuras capazes de assumir as lideranças para concretizar um firme projeto revolucionário, agora transformado em revolução nacionalista moderada. O exército *mambí* dos insurgentes contra o colonialismo, foi dissolvido e o povo arrastado à miséria. Uma vez a luta contra o colonialismo não culminou com a vitória, dando início a República Mediatizada. Faltando apenas ao *Ejército Libertador* cubano colher os frutos de sua conquista, os EUA intervieram na guerra contra a Espanha, impedindo os *mambises* de entrar em Santiago de Cuba (Leite, 2020).

Nesse processo, se situa a transculturação, como princípio que dirige práticas, pensamentos e abordagens epistêmicas. Quando Ortiz (1983) escreveu que a verdadeira história de Cuba é a história de suas intrincadas transculturações, o cubano começou a ser definido como o resultado do processo contínuo e inacabado de uma mistura, síntese e dissociação, do que foi aportado pelos grupos que chegaram à Ilha. A teoria da transculturação proposta por Ortiz nega tanto o determinismo racial como a definição somática de raça. Para o autor "transculturação" expressa as diferentes fases do processo de transição de uma cultura para outra, porque não consiste somente em contrair uma cultura distinta, como indica o termo anglo-saxônico *acculturation,* porém, aponta ao desenraizamento de uma cultura precedente, o que se poderia denominar desaculturação. O vocábulo transculturação expressa fenômenos que se originam em Cuba pelas complexas transmutações das culturas (Ortiz, 2002b).

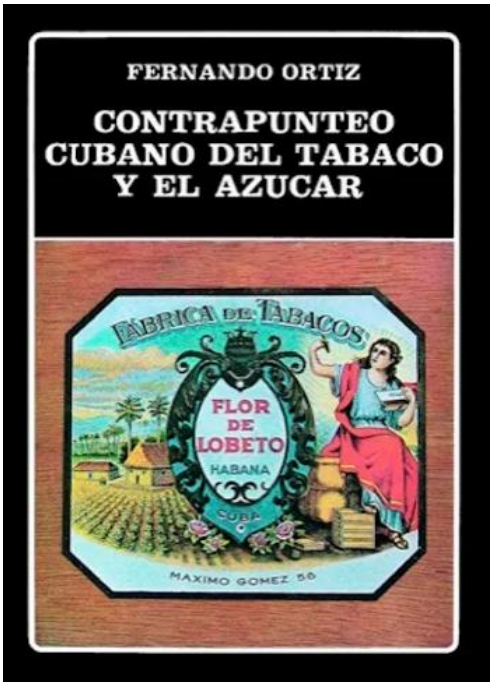


Figura 2. Capa do livro de Ortiz (2002b)
Fonte: Collection Internet Archive Books, in library

Para o antropólogo cubano, o conceito de transculturação apreende o enredamento das correntes pluridirecionais, que haviam circulado desde o século XV através do Atlântico e dos três continentes, com os respectivos povos, em cruzamentos simbólicos e materiais. Em Cuba, um processo histórico, semelhante ao da maioria das Antilhas, fez com que afluíssem à formação do espírito nacional a índole dos conquistadores e a dos homens escravizados. Os negros africanos de etnias diversas, procedentes de todas as regiões costeiras da África, desde o Senegal, Guiné, Congo e Angola, foram arrancados de suas raízes, com suas culturas destroçadas e transplantados ao mundo das correntezas humanas. Outros fluxos migratórios chegaram a Cuba, esporádicos ou contínuos, originais dos mais variados lugares - judeus, lusitanos, anglo-saxões, norte-americanos e até mongóis de Macau e Cantão. Cada imigrante desarraigado de sua terra natal deu uma parcela ao movimento de culturas, que influenciou na formação do povo cubano.

Nos pilares fundamentais do processo denominado *cubanidad* situam-se as contribuições dos europeus, estadunidenses e africanos. Em Ortiz (2002a), as múltiplas expressões culturais da África assumem uma relevância nunca reconhecida, durante séculos de marginalização. Segundo o autor, a miscigenação foi facilitada em razão do papel exclusivamente doméstico das mulheres na Espanha. Os colonizadores eram quase todos homens e costumavam amancebar-se com suas servas africanas e índias, gerando filhos. Ambas as misturas, espanhola-indígena e espanhola-africana, indicam a existência de processos de transculturação, que deixaram traços na nacionalidade cubana. Dessa miscigenação surgiu a *cubanía*, que é a consciência, a vontade e a raiz da pátria, que brotou de baixo, entre as pessoas nascidas e crescidas, sem retorno, nem recuos, com a alma enraizada em Cuba. Os cubanos salientam a distinção entre a *cubanidad,* condição genérica de cubano, e a *cubanía*, que é a *cubanidad* completa, sentida, consciente e desejada, a (Ortiz, 2002a, p. 2). Para expressar o modo pleno do "ser cubano" criou-se o neologismo ortiziano de *cubanía*, inspirado no vocábulo *hispanía* criado por Unamuno (1971).

Os negros devem ter sentido, não com mais intensidade, porém talvez mais cedo do que os brancos, a consciência da *cubanía*. Os casos de retorno de negros à África eram raros. Os negros africanos tinham que prontamente perder a esperança de voltar às suas terras. Todos esses fatores implicam um pensamento dialético, de intrincados elementos emocionais, intelectuais e volitivos. Em sua melancolia não puderam pensar em repatriamento ou em repouso ao fim de vida. O *criollo* negro jamais pensou em ser mais do que cubano. O colonizador branco, antes mesmo de chegar a Cuba, já imaginava o seu retorno. Se ele veio, mas não foi para ficar. Sonhava em voltar rico, porque tinha conexões com a Península, sentindo-se por um longo tempo ligado à Espanha (Ortiz, 2002a).

Um número significativo de espanhóis conformou o fluxo migratório, que criou as condições para a exploração de seu trabalho na indústria agrária exportadora. Cuba, necessitada de braços fortes, resistentes e jovens, ofereceu a centenas de peninsulares a oportunidade de tentar a sorte. No período da ocupação militar norte-americana, promoveu-se a chegada de imigrantes vindos da Galícia e das Ilhas Canárias, como força de trabalho adaptável pela semelhança de costumes, língua, religião e hábitos agrícolas. Estas características fizeram com que a imigração de galegos e canários superasse a dos nativos das Astúrias, que eram operativos e robustos, mas preferiam a atividade comercial. Os asturianos tendiam a não formar uma família, mas a economizar o máximo possível de dinheiro para retornar à Espanha. Ainda no século XIX, os casamentos efetuados entre membros do exército da Espanha e *criolla*s, apararam arestas das diferenças culturais e políticas. Ao terminar a guerra, para não serem repatriados, soldados e oficiais se escondiam, revelando que para muitos Cuba não era um território inimigo.

Uma importante consequência da rebelião haitiana que levou à destruição da colônia francesa de Saint Domingue foi a dispersão de seus antigos senhores de terras por outras regiões. A burguesia cubana assumiu uma atitude antinacional e racista desde o seu nascimento. Os escravistas eram acometidos por profundo pavor, quando circulavam as notícias de uma possível expedição rumo a Santiago de Cuba, partindo do Haiti. "A resposta dos colonialistas era afogar em sangue qualquer tentativa de libertação dos escravos" (CUPULL; GONZÁLEZ, 2017)

Os escravistas da colônia migraram para diferentes partes das Américas, como Martinica, Jamaica, Porto Rico e, principalmente, Cuba. O cauteloso entendimento entre cubanos, espanhóis e estadunidenses tinha um ponto comum de inquietação: a presença de negros em Cuba. Os conflitos raciais culminaram com o Masacre de los independientes de Color em 1912, onde foram assassinados aproximadamente 5 mil negros, na região oriental da Ilha. O forte racismo e o plano independentista hegemonizado pela intervenção militar estadunidense não garantiam a integridade das demandas sociais dos afro-cubanos. Com a repressão a este movimento, celebrada pela imprensa e pelas principais figuras políticas na época, o mito da igualdade racial ficou sem apoio popular na Cuba republicana.

O projeto nacional defendido pelos setores da burguesia *criolla* fomentou o ideal racista de branqueamento da população através de incentivos à imigração europeia. Depois dos eventos na colônia vizinha, as elites aprenderam a urgência em transformar sua política com mudanças que apontavam uma maior abertura aos negócios, de forma que os proprietários locais passassem a contar com a proteção de um Estado forte. Somente nas duas primeiras décadas da república, a população da Ilha praticamente dobrou, atingindo a casa dos três milhões (Pérez Jr, 2016)

Na década de 1930, Ortiz realizou vários estudos e conferências, uma espécie de preparativos que ensejaram em sua obra mais conhecida, *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (ORTIZ, 2002b), publicada em 1940.. Consecutivamente, ofereceu nesta década, uma série de trabalhos sobre a questão racial. Depois de uma sequência de palestras ministradas entre 1942 e 1944, publicou o livro *El engano de las razas* (ORTIZ, 2011) e artigos fundamentais para a compreensão de suas concepções sobre a temática racial.

Em 1940, o Ortiz utilizou, pela primeira vez, a comida típica cubana - o *ajiaco* - como imagem metafórica da identidade nacional. Da culinária, emergiram as principais ideias, que conformariam a definição da transculturação. Respondendo à própria pergunta retórica - "O que é a *cubanidad*?"-, Ortiz (2002a) cunhou a expressão: “Cuba é um *ajiaco*". Para ele, o guisado mais complexo da Ilha poderia funcionar perfeitamente como metáfora da identidade nacional. A mestiçagem ou a mulatez, como nomeia Ortiz, é o fenômeno histórico-social por meio do qual foi tecida a *cubanidad*, a partir de múltiplos elementos provenientes de outras partes do mundo, que se acercaram para dar sabores ao denso caldo cubano.

Entretanto, quem contribui à formação desta mescla? Os elementos procedentes das distintas culturas são básicos no caldeirão dos trópicos, fundador da *cubanía*, uma “solidariedade cultural” no lugar de uma “homogeneização das diferenças”. O característico de Cuba era o “cozimento”, um processo de transformação permanente dos produtos na panela aberta, sob fogo dos trópicos, para compor o *ajiaco*, de procedência indígena, espanhola e africana, ao passo que as novas tecnologias norte-americanas tinham servido para melhorar as possibilidades de cocção. Se Ortiz realizasse uma conferência na atualidade, o *ajiaco* estaria enriquecido pela presença russa ou soviética, que perpassou a vida na Ilha, durante as décadas finais do século XX.

Os cubanos não descartam nenhum produto para este precioso caldo. No umbral de uma época das transformações ocorridas nas décadas iniciais da república, eles se apropriaram de formas alternativas aos reclamos do neocolonialismo, na busca de sua autodeterminação. Muitos dos alicerces da *cubanía* foram montados no encontro de Cuba com os vizinhos ao Norte. A migração, ao longo de sucessivas gerações, de todas as classes sociais e idades, de homens, mulheres, crianças, negros e brancos contribuíram à formação da identidade cubana. Depois da intervenção dos EUA, em 1898, as aspirações hegemônicas na Ilha, situada a menos de 200 quilômetros ao sul do estado da *Florida*, não se exerceram em função somente do controle político e da dominação militar, mas sob formas não coercitivas, a miúdo introduzidas tanto por cubanos como estadunidenses.

A influência cultural se metabolizou por dentro, nas atividades cotidianas, no interior das escolas, nos programas educacionais, nos modelos de vida social, na linguagem, na forma de vestir, na religião, nos esportes e na recreação, muitas vezes de maneira voluntária. O poder de dominação residia precisamente na capacidade de assumir uma aparência de normalidade para influenciar os padrões aos quais, de maneira mais acentuada, as classes mais abastadas aspiravam. Por suposto, esses métodos não poderiam ser impostos desde fora, mas vieram ao encontro da vontade dos cubanos por transformarem-se. Em que pese o predomínio do uso da força como método de domínio, por fim, tudo indica que a coerção teve um papel secundário e contraproducente no contexto, que visava sustentar a hegemonia norte-americana.

Para Ortiz (2002a), de acordo com o pêndulo da história, o cubano se afasta ou se move emocionalmente ao foco do grande vizinho. Há quem de manhã seja anexionista e à tarde abomine o Tio, segundo baixe ou suba a cotização do açúcar, que é o termômetro do patriotismo para seus espíritos em *almíbar*[3]. Há algo inefável, que completa *a cubanidad* de nascimento, de nação, de coexistência e até de cultura. Existem cubanos que, mesmo com suas razões, não querem ser cubanos, sentem vergonha e se recusam a ser. Nestes, a *cubanidad* carece de plenitude, é castrada. Não é suficiente para a *cubanidad* ter em Cuba o berço, a nação, a vida e o porte; ainda falta a consciência. A *cubanidad* completa não consiste meramente em ser cubano, por qualquer das contingências ambientais que cercam a personalidade individual e forjam suas condições. São necessárias também a consciência de ser cubano e a vontade de querer sê-lo (Ortiz, 2002a, p. 3).

[3] *Almíbar* é um composto pastoso para adoçar sobremesas, feito na proporção de meia xícara de água para uma de açúcar. Por razões históricas, os cubanos têm um paladar extremamente adocicado.

CONCLUSÃO

As reflexões do presente estudo reconhecem que, na emergência de novas propostas de pesquisas em diferentes países latino-americanos, termos como decolonialidade e pós-colonialismo passaram a ser utilizados indiscriminadamente, como se fossem suficientes os rótulos para alcançar um pensamento descolonizador. Por esta razão, ao tratar das raízes da nacionalidade cubana, buscou-se demonstrar como os conceitos estruturantes de aculturação e transculturação concebem expressivos aportes no entendimento da descolonização.

Ressaltando a produção de Ortiz. em que incidam diversas transformações de referenciais, é claro que as práticas culturais da Ilha sempre estiveram entre as suas inquietações. Destaca-se nesse contexto os seus estudos sobre a música, a dança, as religiões, as roupas, a comida e, de uma maneira geral, as artes e os costumes até a sexualidade dos vários povos que formaram a *cubanidad*. Suas ponderações sobre raça e racismo constituem a pedra angular de seu legado. Há que se destacar a preocupação da primeira geração intelectual da República de Cuba, após o processo de independência, que chamou para si a responsabilidade de estabelecer as bases da identidade cubana.

Na década de 1980, Quijano (2005) cunhou o conceito de colonialidade como algo que transcende ao colonialismo histórico e que não desaparece com a independência ou a descolonização. No entendimento desta investigação, antes de converter-se em tendência na academia, uma espécie de moda, importantes intelectuais cubanos, no início do século XX, voltaram seus pensamentos aos projetos emancipatórios, no sentido de descolonizar a cultura, a educação, a literatura e as ciências sociais.

Entretanto, a visibilidade do legado dos grandes homens apresenta a tendência de ser proporcional à importância dos países a que pertencem. Os próceres latino-americanos sofrem de limitações em sua própria terra. Provavelmente, se Fernando Ortiz houvesse nascido em alguma nação central do poder e da cultura, a sua obra estaria revestida de outra abrangência. Apesar disso, estas considerações assinalam a vigência do pensamento ortiziano, sempre que os movimentos contemporâneos buscam realizar o que era incipiente no século passado: desprezar o significado do autêntico, para dar asas ao colonialismo e ao neocolonialismo disfarçados de universalidade.

Segundo uma vertente de críticos da obra de Ortiz, ela estaria impregnada de um discurso sobre a identidade cubana que responde ao vigor e às veemências das elites, no sentido de que oferece uma visão cristalizada da identidade nacional, onde as distintas etnias se harmonizariam em uma síntese cultural, que Ortiz chama de transculturação. Entretanto, o seu projeto passava, claramente, pela síntese das diferentes "Cubas", em que a integração funcionaria como a premissa principal para a compressão do "*ajiaco*". Assim, apenas os intelectuais capazes de entender a profundidade dos valores culturais dos distintos grupos da sociedade cubana estão efetivamente preparados para compreender os fundamentos reais, ou não, desta crítica. Neste aspecto, não há como procurar elucidações singelas e lineares para abarcar o pensamento de Ortiz, um escritor caleidoscópico, como poucos no subcontinente latino-americano. A compreensão de seu ideário busca entender sua concepção de raça, facilitada quando são conhecidas as múltiplas matrizes que o influenciaram. É notória uma evidente apreensão no pensamento de Ortiz para aclarar o conceito de raça, de maneira especial em Cuba, quando muitas apreciações, ao longo de sua obra, foram usadas para relevar o regime escravocrata, abolido na Ilha somente em 1882 (Gott, 2006).

No tocante à construção da nacionalidade, surge a ideia de que, conquanto a nação cubana tenha vivido múltiplas revoluções, o arcabouço de anseios e formas de sentir, inerentes à própria *cubanidad*, ativa e desperta, ainda que cindido, tanto na elite cubana migrante atada à ideologia burguesa, como na maioria da população residente na Ilha, pesa em todas as transformações ocorridas nos últimos 160 anos. Cada acontecimento traz à luz a reação contra uma pretensa universalidade que vem de fora, de um mundo dominado ora por Portugal-Espanha, ora pela América do Norte ou, mais recentemente, pelas regras da globalização, reiterando nos cubanos um afã de originalidade e autoctonia. Frente a esse passado, eles sentem, desde algum lugar de si próprios, um reclamo de honra insuflado pelos exemplos, uma vez que as crianças crescem ouvindo nas escolas as narrativas das lutas contra o colonialismo e a dominação estrangeira.

Para concluir esta análise, pondera-se que a tradição cultural, vinculada à consolidação da nacionalidade, ao legado de importantes intelectuais cubanos, entre eles Fernando Ortiz, e de todos os próceres dos 90 anos de lutas pela independência de Cuba, contribui à concepção relativamente autônoma dos processos políticos e culturais na Ilha, revelando resistências à mera reprodução de práticas das chamadas "modas pedagógicas". Parafraseando Haug (2002), "nada é novo e tudo é diferente".

O que talvez torne relevante o conjunto de constatações, aqui apresentadas, é a forte identidade, - a *cubanía* -, ligada ao arcabouço presente na essência transcultural, que vem traçando pautas aos *isleños* durante séculos. Um dos predicados identificáveis nos cubanos é a propensão a enredar a trajetória pessoal

com a trama social do país. Para eles, há uma dialética que, apesar de explicitar mudanças, está atada, sobretudo, às permanências.

REFERÊNCIAS

CUPULL, Adys; GONZÁLEZ Froilán. Mariana: Raiz da alma cubana. La Habana: Casa Editora política, 2017.

HAUG, Wolfgang F. Nada es nuevo y todo es diferente. Revista Internacional Marx Ahora, La Habana, Ediciones Cubanas, n.13, p. 40-52, 2002.

GOTT, Richard. Cuba: uma nova História. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006

LEITE, Maria do Carmo Luiz Caldas. Cuba Insurgente: identidade e educação. Curitiba (Brasil): CRV, 2023

MACHADO MARTÍNEZ, Tania. El proceso de formación nacional cubano: peculiaridades de su desarrollo histórico hasta 1925. Contribuciones a las Ciencias Sociales, jun. 2012. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/20/. Acesso em: 20 abr. 2026.

MARX, Karl. A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão. São Paulo: Boitempo: 2007.

MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. Tradução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ORTIZ, Fernando. El engaño de las razas. Havana: Fundacion Fernando Ortiz, 2011.

ORTIZ, Fernando. Los factores humanos de la cubanidad. Perfiles de la Cultura Cubana, p. 1-15, 2002a. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf. Acesso em: 10 jan. 2026.

ORTIZ, Fernando. Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar. Madrid: Cátedra. 2002b.

ORTIZ, Fernando. El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco: del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba. La Habana: Editorial de ciencias sociales, 1983.

PÉREZ JR, Louis A. Cuba en el imaginario de los Estados Unidos. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2018.

PÉREZ JR, Louis A. Ser cubano: identidad, nacionalidad y cultura. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, Ramon (orgs.). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

UNAMUNO, Miguel de. Obras completas. Ed. Manuel García Blanco. Madrid: Escelicer, 1971.